PIQUENIQUE LITERÁRIO: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES DE LICENCIANDAS DO PIBID

Eixo 4 – Práticas Educativas em espaços escolares e não escolares

Claudia Camili Molinari Cabreira[1]
Taiane Lopes de Oliveira[2]
Cristiane Ribeiro Cabral[3]

Resumo
O presente relato é resultado de uma experiência realizada na Escola Municipal Francisco Meireles e tem como objetivo central analisar e relatar uma vivência durante a prática docente enquanto bolsistas integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e pertencentes do subprojeto "Alfabetização". É uma pesquisa de cunho qualitativo, a partir das vivencias das futuras docentes no ambiente escolar. Portanto, esse relato busca mostrar os desafios e facilidades encontradas por nós na prática docente.

Palavras-chave: Alfabetização; Prática-docente; Pibid.

Introdução

Esse relato é composto por experiências narradas a partir das vivências das autoras dentro da Instituição Intercultural e Missionária Cristã, que presta assistência a comunidades indígenas com serviços nas áreas de evangelização, saúde e educação. Atuamos na Escola Municipal Francisco Meireles, no segundo ano do Ensino Fundamental, como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), no subprojeto Alfabetização da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), visando ao aperfeiçoamento da qualidade da educação pública no Mato Grosso do Sul.

Participar do Pibid é uma oportunidade de termos o primeiro contato com as práticas docentes, pois preparamos cada planejamento e as atividades que são aplicadas por nós mesmas. Essa experiência mostra como o trabalho do professor não se limita apenas à sala de aula, sendo algo muito mais complexo. Para nos auxiliar, contamos com a participação da nossa coordenadora, que sempre acompanha os nossos planejamentos e as atividades que são desenvolvidas na escola.

O local onde atuamos se trata de uma escola localizada em uma comunidade carente. Nem sempre as crianças conseguem estar presentes, tanto pela questão do transporte escolar, já que, em dias chuvosos, as ruas ficam impossibilitadas de serem utilizadas por se tratar de uma área rural, o que acaba dificultando a chegada até a escola, quanto pela falta recorrente de água potável. Esses problemas estão diretamente ligados às faltas recorrentes, então, muitas vezes, acabam dificultando as nossas atividades e propostas, mas sempre seguimos tentando trabalhar com as crianças que estão presentes no dia.

A participação no Pibid, no subprojeto Alfabetização, tem carga horária de doze horas semanais. Realizamos estudos dirigidos e planejamentos, com reuniões quinzenais sob a orientação

[1] Claudia Camili Molinari Cabreira, graduanda em Pedagogia pela UFGD. Bolsista Pibid, subprojeto Alfabetização. Membro do grupo de pesquisa Geifan da UFGD. E-mail: molinaricabreira20@gmail.
[2] Taiane Lopes de Oliveira, graduanda em Pedagogia pela UFGD. Bolsista Pibid, subprojeto Alfabetização. Membro do grupo de pesquisa Geifan da UFGD. E-mail: taianeoliveira805@gmail.com.
[3] Professora do Curso de Pedagogia e Orientadora no Programa de Institucionalização de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: cristianercabral@ufgd.edu.br.

da coordenadora de área na universidade, além do acompanhamento no ambiente escolar. Uma vez por semana, vamos até a escola e alternamos as semanas entre a observação participativa com a supervisora, que é a professora regente da sala de aula, e a vivência em dupla no ateliê. O ateliê é uma sala separada para o Pibid na escola, onde atendemos grupos de cinco crianças com dificuldades de aprendizagem. É nesse espaço que desenvolvemos atividades planejadas e orientadas, onde experimentamos diferentes propostas. Nesse relato, vamos abordar uma das experiências vivenciadas no ateliê.

Dentre essas experiências, destacamos a proposta "Piquenique Literário", que surgiu como uma alternativa para romper com práticas mecânicas de cópia e promover uma alfabetização mais significativa e prazerosa para as crianças. A atividade proporcionou um espaço de expressão livre, autonomia, pertencimento e criatividade. Essa vivência fortaleceu nossa visão de que a aprendizagem se torna mais significativa quando se utilizam atividades lúdicas para ensinar.

Vivências e práticas no piquenique literário

Para contextualização do presente trabalho, trouxemos alguns pontos importantes sobre o processo de alfabetização e as práticas docentes, além das nossas vivências ao longo do projeto. Como afirma Ferreiro (2002) "A alfabetização não é um luxo nem uma obrigação; é um direito. Um direito de meninos e meninas que serão homens e mulheres livres (pelo menos é isso que desejamos), cidadãos e cidadãs de um mundo onde as diferenças linguísticas e culturais sejam consideradas uma riqueza e não um desafio" (Ferreiro, 2002, p. 38). Nesse sentido, nosso planejamento buscou levar até as crianças experiências com grandes significados, alinhados as necessidades de cada um. No início de cada mês, precisamos elaborar um pequeno planejamento que será aplicado ao longo das aulas do ateliê na escola. Esse planejamento deve considerar os objetivos de aprendizagem, as atividades a serem realizadas e os materiais necessários, garantindo que as experiências sejam significativas e alinhadas às necessidades das nossas crianças.

Antes de pensarmos sobre o planejamento, fizemos uma observação em sala de aula. Durante a observação, notamos que as crianças copiam constantemente da lousa. A professora escreve e elas transcrevem, resultando em uma aprendizagem mecânica e com pouca autonomia na escrita. As palavras que escrevem corretamente são, geralmente, palavras memorizadas, como "UVA", que é frequentemente utilizada nos alfabetos colados na parede, além do próprio nome, que geralmente a criança precisa memorizar ainda na pré-escola. Weisz (2001) defende que, no processo de alfabetização, é necessário proporcionar condições para que a criança reflita sobre a escrita e avance na compreensão do funcionamento do sistema de escrita.

Outro ponto observado foi que as crianças sentem medo de escrever palavras, temendo cometer erros, e a maioria ainda não compreende que a escrita é uma representação da fala, ou seja, que o que escrevemos corresponde ao que dizemos. Como aponta Weisz (2001, p. 55): "Saber o nome das letras não significa saber escrever, nem ler. Saber o nome das letras é saber o nome das formas, não é saber como essas letras representam a fala".

De acordo com Weisz (2001), em pesquisas realizadas pelo Ministério da Educação, por meio do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, o processo de alfabetização mostra que, para poder se apropriar do nosso sistema de representação da escrita, a criança precisa construir respostas para duas questões: o que a escrita representa? Qual é a estrutura do modo de representação da escrita?

Quando a criança está em seu processo de alfabetização, ela ainda não consegue compreender que a escrita representa a fala. Nesse primeiro momento, ela pressupõe que são situações diferentes, pois, quando desenha um objeto, pode considerar que automaticamente está escrevendo. Em uma situação-problema em que pedem para que uma criança escreva o nome de sua mãe, que se chama Dalva, ela pode, por exemplo, escrever a palavra "mãe", pois ainda não sabe distinguir que "Dalva"

e “mãe” são escritas diferentes. Ela tem a convicção de que as duas se referem ao mesmo objeto a ser representado. Nesse caso, a criança ainda não internalizou que a escrita representa a fala e que os diferentes sons precisam ser expressos de formas diferentes na escrita.

Quando trouxemos a proposta do Piquenique Literário, queríamos que fosse algo em que as crianças aproveitassem o espaço que a escola tem. Então, planejamos três atividades. Na primeira proposta, buscamos contextualizar o que era um piquenique, até porque era a primeira vez que as crianças participavam de uma atividade como essa. Foi pedido a elas que escrevessem uma lista do que não poderia faltar no piquenique. Logo, quiseram escrever a palavra “UVA”, pois, como foi dito anteriormente, é uma palavra que elas já memorizaram, além do próprio nome. Então, propusemos que escrevessem outras palavras, como banana, maçã, bolo, suco e história. Nesse momento, foi possível notar a dificuldade das crianças, mas sempre mediamos da melhor forma para que pudessem realizar a escrita. Também disponibilizamos o alfabeto móvel para facilitar a construção das palavras.

Figura 1 – Elaborando uma lista com letras móveis



Fonte: acervo pessoal, registro realizado em 06 de maio de 2026.

Nosso tão aguardado Piquenique Literário foi realizado em um cenário especial, debaixo de um enorme taquaral, onde montamos um espaço aconchegante e criativo. Organizamos um pano no chão e um varal literário, criando um ambiente que convidava à leitura e à imaginação. As crianças foram recebidas por nós com grande entusiasmo, já que queríamos muito vivenciar esse momento com elas, e puderam escolher as histórias que seriam contadas, participando ativamente da contação. Além disso, tivemos momentos de escrita criativa, utilizando massinha de modelar para formar palavras retiradas das narrativas contadas, o que estimulou a criatividade e o vínculo com os textos.

Foi um dia muito proveitoso, repleto de aprendizados e observações. Nesse dia, também propusemos que uns ajudassem os outros, e isso fez com que as crianças se sentissem mais confiantes diante das atividades. Além disso, buscamos fazer com que aquele momento não fosse apenas uma aula, mas também um espaço de troca e diversão ao ar livre, em um local pouco utilizado, com vista para um lindo bosque. Foi também uma forma de fazer com que saíssem um pouco da sala de aula e aproveitassem mais o contato com a natureza.

O clima festivo foi reforçado pelo lanche preparado com carinho: bolo de chocolate, preparado com a ajuda de um a terceira pessoa, cachorro-quente e refrigerante. As crianças se deliciaram, comeram bastante e, animadas, prometeram compartilhar a experiência com os colegas que não estavam presentes naquele dia. Apesar de uma leve garoa que nos surpreendeu, conseguimos dar continuidade à atividade de maneira divertida, correndo juntos para a varanda da igreja que fica na escola, onde continuamos o nosso lanche. As crianças demonstraram grande empatia e nos ajudaram a recolher tudo o que poderia molhar e a levar os materiais para a varanda.

O piquenique foi, sem dúvida, além do que esperávamos, marcado por momentos de leitura, convivência, diversão, empatia, respeito, coragem e grandes risadas. A experiência mostrou que a literatura pode ser vivida de forma lúdica e prazerosa, assim como a escrita, fortalecendo os laços

entre professores e alunos e despertando também o gosto pela leitura em um ambiente acolhedor e afetuoso.

Figura 2 – Piquenique literário



Fonte: acervo pessoal, registro realizado em 06 de maio de 2026.

Figura 3 – Piquenique literário



Fonte: acervo pessoal, registro realizado em 06 de maio de 2026.

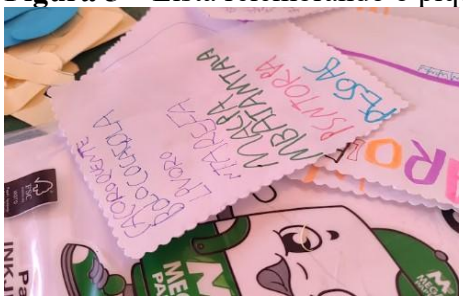
A terceira e última atividade foi construir, juntamente com as crianças, um mural da nossa experiência com o Piquenique Literário. O objetivo era relembrar tudo o que havíamos feito e visto no nosso piquenique: histórias, cenário, materiais e lanches. Então, pedimos que as crianças escrevessem tudo o que lembravam do nosso dia especial. Poderia ser uma lista ou a produção de um texto, desde que se sentissem confortáveis. As crianças escolheram fazer listas com aquilo de que se lembravam e, por fim, pedimos que fizessem um lindo desenho do piquenique.

Figura 4 – Elaboração do mural



Fonte: acervo pessoal, registro realizado em 06 de maio de 2026.

Figura 5 – Lista relembrando o piquenique



Fonte: acervo pessoal, registro realizado em 06 de maio de 2026.

Após terminarmos de montar nosso mural, pedimos autorização à professora regente para colocá-lo na parede do fundo da sala, que estava completamente vazia e sem cor. Notamos a satisfação das crianças ao mostrarem aos colegas que haviam sido elas que produziram o mural. Ficaram todas orgulhosas, comentando sobre aquilo que haviam ajudado a produzir.

Foi um momento em que nós também nos sentimos felizes e orgulhosas por termos despertado o entusiasmo e o sentimento de pertencimento naquelas crianças que, no início, tinham medo de pegar no lápis para escrever. Outro ponto importante foi que, nesse dia, também levamos lanches. As crianças, além de comerem, ainda separaram uma parte para repartir com os outros colegas que haviam ficado na sala de aula. Foi um momento muito especial.

Considerações Finais

O Piquenique Literário revelou-se muito mais do que uma atividade planejada: foi uma experiência significativa para as crianças. Ao unir natureza, convivência e literatura, conseguimos criar um espaço acolhedor e criativo, no qual a aprendizagem ocorreu de forma espontânea e prazerosa. O cenário montado sob o taquaral, com o varal de livros e a contação de histórias escolhidas pelos próprios alunos, proporcionou momentos de escuta ativa, diálogo e cooperação, fortalecendo o vínculo entre leitura e imaginação.

As práticas de ilustração, a escrita criativa com massinha e a partilha de alimentos, como bolo de chocolate, cachorro-quente e refrigerante, deram um tom festivo e afetivo ao encontro. Mesmo diante da garoa inesperada, que nos levou à varanda da igreja da escola, as crianças mantiveram o entusiasmo, mostrando que a literatura pode florescer em diferentes espaços, seja dentro da sala de aula, na biblioteca ou em um lindo gramado.

O ato de ler em conjunto, conversar sobre os textos e escrever a partir deles demonstrou a importância de criar ambientes em que a literatura seja vivida de forma diversa e significativa. As crianças não apenas participaram, mas também se comprometeram a compartilhar a experiência com os colegas ausentes, ampliando o alcance da atividade e despertando nos demais o interesse em também participar.

Assim, o Piquenique Literário reafirma o valor de iniciativas que aproximam as crianças da leitura, tornando-a uma prática coletiva, prazerosa e enriquecedora. Foi um momento de descobertas, partilha e construção de saberes que certamente ficará marcado na memória de todos nós, principalmente na memória das crianças.

Referências

WEISZ, Telma. **Como se aprende a ler e escrever ou, prontidão, um problema mal colocado**. Brasília: Ministério da Educação, Programa de formação de professores alfabetizadores, 2001.

FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: [s.n.], 2002.